

das sociedades cristãs. A isso o excitamos com a publicação dêste livro. Considere êle que os espíritas já se contam por dezenas de milhões dentro da comunhão católica, e que, a cada hora, a cada instante que se passa, sem se demonstrar a sua falsidade, aumenta-se consideravelmente o número dos cristãos que abandonam o dogma romano, para tomarem assento entre os filhos e defensores do puro Cristianismo. A bandeira desfralda-se á vista do mundo civilizado; á sua gloriosa sombra nos acolhemos nós, persuadidos de ser ela a mesma que arvorou nas suas prédicas a vítima do fari-saismo judaico. Se nos enganamos, se, em vez de bandeira da virtude, fôr ela um pendão abominável, o dever do clero é confundí-la com o pendão poderoso da verdade e então nós mesmos estaremos ao seu lado para abatê-la, despedaçá-la e desprezar os seus fementidos despojos. Então, e só então, a classe sacerdotal poderá condenar os princípios da escola espírita. Dar-se-á, porém, isso? Não o cremos, porque o dogma de Roma não pôde lutar, no terreno neutro da razão, com a filosofia e com a moral do Evangelho. O que esperamos é que a luz abra caminho através de todas as resistências, e que o clero se apodere, em breve tempo, da bandeira que hoje combate, para fazê-la tremular aos ventos, com o entusiasmo do neofito e com o vigor do soldado da fé.

PARTE TERCEIRA

O ESPIRITISMO NOS LIVROS SAGRADOS

I

Preliminares

Que livros são êsses a que chamam *sagrados* e que servem de manancial e ponto de partida ás crenças e ao culto?

Eis aí uma pergunta de fácil resposta á primeira vista, porém que, não obstante, se presta a sérias considerações filosóficas. Não penetraremos nêsse terreno, porque nô-lo veda a índole do livro que escrevemos; cingir-nos-emos, apenas, a algumas indicações, que são a nosso vêr, as mais precisas para a intelligência dos textos bíblicos que nos propomos comentar nesta terceira parte.

Reconhecido que o progresso das sociedades humanas precisava, para realizar-se, do concurso da Providência, causa única da substância inteligente e, portanto, do movimento intelectual, tinham de vir, e vieram, em todos os tempos e para todos os povos, inspirações superiores que, dando satisfação a uma nova necessidade e despertando um novo desejo, levassem ao coração do homem a sanção da virtude, o consolo e a esperança. A humanidade, como a Terra, é por si mesma fria e improdutiva, e contiuará perpetuamente na sua este-

rilidade, se não fecundassem no seu seio os temperados beijos do sol e as chuvas benéficas.

Quando essas inspirações, êsses orvalhos consoladores do espírito, foram necessários ao progresso particular do indivíduo, só o indivíduo sentiu a sua influência; mas, quando, não o indivíduo e sim uma parte considerável da grande família humana precisou do impulso providencial para triunfar dos obstáculos atravessados no caminho do progresso geral, então a influência das inspirações invadiu tudo, soando em todos os ouvidos e brilhando com resplendor aos olhos atônitos dos povos. Em cada um dêsses momentos históricos, um novo marco assinala o caminho percorrido pelo homem.

Tal é a origem dos livros chamados *sagrados*, que cada religião guarda na arca da sua fé, como o mais expressivo sinal da sua aliança com o supremo Autor do universo. Livros divinamente inspirados, códigos de regeneração, monumentos solenes de sabedoria, testemunhos irrecusáveis da misericórdia do Altíssimo!

Escritos com a intervenção superior, resplandecem neles uma luz divina, que os eleva muito acima das concepções dos homens.

Os livros sagrados são o grande depósito dos tesouros de fé recolhidos pelos povos na sucessão dos séculos; são a história do movimento moral da humanidade e do desenvolvimento do sentimento religioso; são a misteriosa cadeia da revelação, cujos degraus ligam a Terra ao céu.

É preciso, porém, considerar, para a devida inteligência das sagradas escrituras, que a revelação, como a moral, como a fé, como o sentimento religioso, como as faculdades humanas, é progressiva, e vem responder, em cada uma de suas fases, a uma necessidade espiritual. Por essa razão, ao estudar seu curso, convém também fixar a atenção nas necessidades que elas satisfazem, pois essas necessidades satisfeitas são quasi sempre

a chave para a explicação e a inteligência dos profundos conceitos e da sentenciosa linguagem da revelação escrita.

Convém, ainda, distinguir na revelação escrita o que é essencial e o que é accidental, a alma e o corpo, o fundo e a forma, o espírito e a letra; o primeiro é o resultado da influência superior, é como se disséssemos: o sopro celestial; o segundo é o traço indelével da intervenção humana. Figuremos um raio de puríssima luz envolto em escuros e densos vapores, e teremos uma imagem da revelação; o raio de luz é a inspiração divina, formosa, pura e imaculada; a túnica de vapores é a palavra e as interpretações dos homens, nunca bastante desmaterializadas para alcançarem o nível da divina inspiração. Eis aí porque no estudo das sagradas escrituras devemos preferir antes o espírito que a letra, antes o pensamento que as formas; o pensamento é o essencial da revelação. A letra mata e o espírito vivifica.

Por ter esquecido esta verdade, o cristianismo romano tornou-se uma religião escrava de exterioridades e formas, alheia ao pensamento capital, á idéia fundamental do verdadeiro Cristianismo.

A revelação existiu desde o princípio da humanidade; a sua luz é para a alma o que a luz sideral é para o corpo; é a vida, o movimento, a salvação e a felicidade. A primeira afirmação da consciência foi a primeira palavra da revelação, chamada lei natural em relação ás primeiras épocas do sentimento e do desenvolvimento do raciocínio.

Mas, a lei natural, simplíssima e incompleta em seu nascimento, multiplicou os seus preceitos á medida que se desenvolviam a consciência e a razão humanas, e, pouco a pouco, de progresso em progresso, chegou o dia em que os homens sentiram a necessidade de ter á vista o código moral, cujos múltiplos preceitos esqueciam com

facilidade, apegados em demasia, como se achavam, aos prazeres da carne. Desde então, começa a existência da revelação escrita e a formação dos primeiros livros destinados a passar, com o caracter de sagrados, ás épocas vindouras. Esse caracter não os livrou, contudo, de serem depois substituídos, reformados ou aumentados com a adjunção de outros que melhor correspondessem ás novas necessidades morais dos séculos, ficando os livros primitivos cancelados em tudo o que não estivesse conforme com as prescrições e com as doutrinas das últimas revelações. Monumentos insignes das civilizações que passaram, destroços venerandos e eternos do templo primitivo da fé, cada uma das suas pedras derrocadas, cada uma das suas paredes fendidas e ameaçando ruína, é uma página sagrada da grande história da civilização religiosa dos povos. A estas sagradas e imperecíveis relíquias pertencem os livros da revelação anterior a Jesus Cristo que, compilados, formam o Antigo Testamento, essencialmente modificados nos livros da revelação cristã.

Que quer dizer isso? Será por ventura que a origem dos livros sagrados é puramente humana e imerecida a autoridade que o mundo lhes atribue? Não, certamente, já o dissemos; a sua origem superior e providencial ressalta, se é possível, com mais força da própria mutabilidade progressiva das suas doutrinas, sempre suficientes e acomodadas ás necessidades morais das gerações. O que isso quer dizer é que o homem não possui, nem possuirá a verdade absoluta; elle é um sêr progressivo e perfectível que sempre girará dentro da instabilidade. O que isso quer dizer é que a revelação progride, e dos seus progressos nascem a transformação do sentimento religioso e as modificações da fé. Fundamentalmente, a revelação é sempre a mesma, porque é imutavel a lei de que procede; porém brilha cada dia com um novo esplendor e em horizontes mais dila-

tados, de conformidade com o progresso espiritual das sociedades humanas.

Consideremos a Terra limitada a montanha elevadíssima, coberta de negras nuvens, quasi impenetráveis á luz nas camadas inferiores, e a humanidade, em sua infância, morando na tenebrosa fralda da montanha, cujo cimo se perde além das nuvens, além da atmosfera, além das zonas etéreas, banhadas pelos esplendidos raios de um sol regenerador. A família humana agita-se, primeiro, nas trevas; cai e levanta-se; torna a cair e a levantar-se, antes de subir alguns passos pela encosta da montanha e antes de vislumbrear os crepúsculos da luz; mas, já os vislumbrou, e elles são o guia dos seus passos, a alegria dos seus olhos e a esperança do seu coração.

Sobe e sobe pela montanha, adiantando-se aqui, retrocedendo ali; ora tomando alento para adiantar-se mais, e ora fixando com horror as suas vistas nos perigos passados. As camadas atmosféricas vão sendo cada vez mais rarefeitas e a luz mais intensa, á medida que se faz a ascensão; a luz do sol, porém, a humanidade só a verá no seu esplendor, quando terminar a sua peregrinação e chegar ao ditoso cimo, donde olhando para baixo, vê um oceano de trevas, e donde, erguendo os olhos, descobre os intérimos horizontes do infinito.

Eis aí o homem; eis aí a revelação! Esta é o puríssimo sol da verdade; mas, o homem abismado na ignorância, nas misérias, nas paixões, nas debilidades e nas torpezas, só póde vêr a luz sucessiva e gradualmente, á medida que se emancipa das impurezas da matéria e se eleva pelas difíceis veredas do progresso. Feliz será elle, se, em cada jornada, feliz a humanidade, se, em cada uma de suas fases, lograr transpôr alguma dessas sombrias zonas que lhe impedem a visão beatífica do sol do amor!

Fixemos agora as nossas vistas nos mounmentos an-

tigos e modernos da revelação, nos livros sagrados do Cristianismo, no Antigo e Novo Testamento, dos quais é continuação a revelação que se obtém em nossos dias com as comunicações espíritas. Moisés falou a linguagem do seu tempo; os profetas falaram para os homens com os quais eles conviviam; Jesus Cristo deixou ainda por dizer muitas coisas, porque o mundo não podia aceitá-las; os Espíritos espalham hoje com maior clareza as verdades evangélicas, e novos clarões iluminarão amanhã os passos da humanidade na sua peregrinação sempre ascendente, em busca da perfeição e da felicidade pelos merecimentos do dever. O estudo das sagradas letras é na atualidade tão necessário como o dos comentários e interpretações com que a igreja oficial pretendeu explicá-las, pois, se em épocas passadas puderam dar alguma luz, no presente elas lutam com o senso comum, com a ciência e com o sentimento verdadeiramente religioso.

É indispensável restaurar o gênio do Cristianismo, cuja decadência é assaz notória, para não se temer a sua próxima ruína. Um cristianismo fictício, uma moral acomodatória, e uma religião toda de aparências ocupam o lugar das doutrinas do Cristo, da moral evangélica e da religião do coração. Nela, o amor é egoísmo, a adoração é hipocrisia, a humildade é fausto e orgulho; o templo é um mercado onde se cotizam e onde se trocam por dinheiro as graças espirituais, nem mais nem menos do que se usa com as mercadorias do comércio temporal. Há monopolizadores da luz e dos bens celestiais, como os há de cereais, de vinhos e de produtos da indústria.

Até se pretende o monopólio da oração, e estamos ameaçados de não poder elevar a Deus as nossas preces, senão por meio de um procurador, previamente pago dos seus direitos, em papel timbrado com o competente

sêlo. Tão notórios e escandalosos abusos serão autorizados pelo Evangelho e pelos Apóstolos?

Por certo que não. Volvam todos os cristãos os olhos para esses livros e ficar-se-á conhecendo o verdadeiro cristianismo. Se queremos a salvação, busquemô-la na fonte de vida. Leiamos essas páginas inspiradas, até hoje não abandonadas — e veremos que os êrros, os abusos, as mistificações, os absurdos, as falsidades e a fraude não são da revelação, mas dos homens que os acomodaram às suas vistas e ao seu egoísmo. Veremos o Cristianismo em sua primitiva pureza — e não acharemos ponto de semelhança entre o cristão segundo o modelo romano e o discípulo de Jesus, entre os doutores da igreja oficial e os Apóstolos. Lede, cristãos, lede com os vossos próprios olhos. Acaso devemos ignorar sempre as verdades reveladas?

Veremos ainda, se abrirmos as Sagradas Escrituras, que estão nelas sancionadas as doutrinas do Espiritismo, tão combatidas e condenadas pela ignorância e pela malícia dos modernos escribas e fariseus. Como não ser assim, se o Espiritismo é exatamente o Cristianismo original, puro, concreto, sem acréscimos nem mandamentos humanos, sem inovações contrárias às doutrinas do Cristo? Sim, leitores cristãos e irmãos nossos; se vos escandalizam as afirmações espíritas, escandalizai-vos de Jesus; se perseguis com os vossos anátemas e arcosmos aos discípulos do que chamais nova seita, anatematizais e perseguis aos discípulos de Jesus. A loucura espírita é a mesma que esteve na mente do Cristo durante a sua prédica; a chama do Espiritismo é a mesma que inflamou o amoroso coração do primeiro dos mártires; idéia espírita é a mesma que foi propagada pelo Filho do homem, até selá-la com o sacrifício da sua preciosa vida. Por isso, nós, os espíritas, seguindo as pégadas do Mestre, não vacilamos nem tememos; arrostaremos o orgulho e o desprezo dos homens, com

a segurança de que o tempo nos dará razão, e de que acabarão por abraçar a nossa loucura cristã os mesmos que agora com mais empenho a combatem e a amaldiçoam.

Se fôsse possível, trasladariamos para aqui integralmente o Antigo e o Novo Testamento, afim de que não restasse dúvida alguma acêrca da perfeita conformidade do Espiritismo com a revelação das Escrituras. Como, porém, isso tornaria interminável a nossa tarefa e far-nos-ia sair dos limites convenientes ao nosso propósito, que é escrever um livro que possa ser manuseado com facilidade, cingir-nos-emos nesta terceira parte a recompillar e a comentar os textos bíblicos relativos á pluralidade dos mundos e das existências, á reincarnação dos Espíritos, ao inferno, ao diabo e á comunicação espiritual, pois são os pontos doutrinários fundamentais, que separam o cristianismo romano do cristianismo espírita, devendo advertir que as citações que fizemos, poderão ser pelo leitores verificadas na Sagrada Bíblia.

II

Pluralidade de mundos e de existências. Reincarnações dos Espíritos.

Aqueles que desejarem fazer um estudo profundo e filosófico dos pontos que são o objeto dêste capítulo, podem consultar as obras de Flammarion, Pezzani e Allan Kardec, que tratam deles com o desenvolvimento necessário. Na primeira parte do nosso livro apresentamos ao leitor algumas considerações acêrca dos mesmos pontos, porém ligeiramente e sem desenvolvimentos filosóficos, tendo o propósito de dar sucinta idéia do Espiritismo como ciência e de manifestar a conformidade dos seus princípios com o sentimento e a razão. Vejamos agora se lhe é favorável a opinião da revela-

ção, como foi a da filosofia, e assim as consciências timoratas se persuadirão que o Espiritismo, longe de hostilizar o sentimento religioso, é a sua legítima expressão.

Abramos o Antigo e o Novo Testamento, os Profetas e os Evangelhos, a revelação primitiva e a revelação cristã, e busquemos a verdade, para abraçá-la e defendê-la, em suas inspiradas páginas.

Leiamos e meditemos:

“Pergunta pois ás gerações passadas e examina com cuidado as memórias de nossos pais: Porque somos de hontem e o ignoramos, porquanto os nossos dias passam sôbre a terra como uma sombra. Jó, VIII, 8 e 9.

Jó com essas palavras proclama a justiça de Deus: Se não te recordas de ter na presente vida corporal cometido faltas que te façam merecedor dos sofrimentos que torturam o teu corpo e laceram o teu coração, *pergunta-o ás gerações passadas*, procura investigar se é possível teres delinqüido em outras existências precedentes, pois *somos de hontem*, já vivemos em outros tempos, ainda que o tenhamos esquecido, por nos impedir a matéria, como uma espessa sombra, a representação do quadro das nossas anteriores existências.

“Crês por ventura que um homem morto torne a viver? Todos os dias da presente vida, estou esperando que chegue a minha mudança. Jó, XIV, 14.”

Jó eleva o seu coração ao Senhor, e a pergunta que lhe dirige é a expressão da esperança que êle acalenta no fundo da sua alma. Crê, ou antes, pressente a incarnação — e êsse pressentimento dá-lhe forças para suportar resignado os trabalhos da sua *presente vida*, esperando que chegue a sua mudança: outra vida feliz, como resultado da expiação que sofre, ou da prova a que se acha submetido.

“Pois sei que vive o meu Redentor, e que no último dia hei de ressuscitar da terra; e de novo serei coberto